

Centro de Estudos Bahianos

ANFRÍSIA SANTIAGO

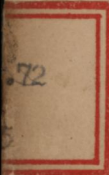
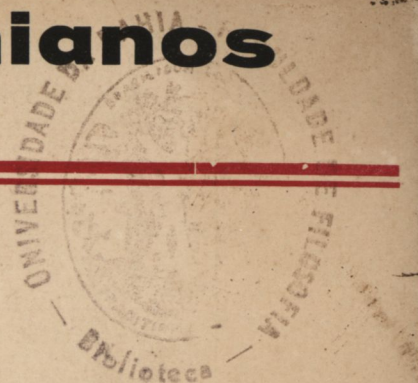
D. RAIMUNDA PORCINA DE JESUS

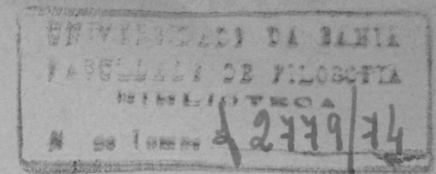
(A CHAPADISTA)

PUBLICAÇÃO
SALVADOR - BAHIA

30 DE MARÇO DE 1968

50





D. RAIMUNDA PORCINA DE JESUS (A CHAPADISTA)

Anfrisia Santiago

O presente trabalho é o 50.º do Centro de Estudos Bahianos, coincidentemente escrito, como o primeiro, pela centrista Profa. Anfrisia Santiago, figura ímpar no mundo educacional da Bahia.

O Centro de Estudos Bahianos fundou-se no período ditatorial, congregando figuras da cultura do Estado. Voltado para os altos interesses da Bahia, era bem uma reação passiva, uma estacada de defesa às tradições e aos anseios não só espirituais como culturais de Soterópole. Sendo um ideal, resistiu aos embates da luta, útil à coletividade, revelando ao mundo letrado do país e do estrangeiro, através de comunicados e publicações, o resultado de seus estudos, pesquisas e conclusões encontradas em reuniões privadas, onde só eram, como hoje, admitidos os centristas.

Quatro movimentos marcantes na história da cidade do Salvador foram examinados e vividos nas sessões do Centro: o plano de reforma urbana da cidade pelo seu autor, o urbanista Mário Leal Ferreira, inspirador do atual governo municipal; a exposição, justificativa e defesa do revolucionário projeto arquitetônico do Teatro Castro Alves (Governo Octávio Mangabeira) pelo Prof. Diógenes Rebouças; a planificação do cortejo histórico de 1949 e a publicação da série. «Evolução histórica da Cidade do Salvador» pelo Engenheiro Elisio Carvalho Lisboa, então prefeito da cidade, os dois últimos comemorativos do 4.º centenário da fundação da cidade do Salvador.

Mais de vinte anos depois de sua fundação, as atividades do Centro de Estudos Bahianos não sofreram restrições; a presente publicação, a 50.ª, justifica a assertiva.

* * *

Complementando o presente caderno, incluímos nesta edição a relação dos associados do Centro de Estudos, e o índice dos trabalhos até hoje publicados, na sua quase totalidade esgotados.

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral

Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto N.º 9 — Bahia.

Quando a mineração na zona da Chapada, Lençóis, Santa Isabel do Paraguaçu, Andaraí e cercanias era intensa, e vultosos eram os seus resultados, aventureiros de tôda sorte para lá se encaminhavam e aí se fixando durante anos, retiravam grandes proventos ou por lá se perdiam e lá morriam ignorados, quer homens ou mulheres.

Muitas jovens lá chegavam acompanhando suas famílias, cujos chefes e seus filhos varões, atraídos pelo ouro, iam tentar fortuna; outras, chegavam sòzinhas, em busca de aventuras e riquezas e prestígio entre os mineradores.

Algumas dentre elas conseguiram fazer vantajosos casamentos e tornaram-se senhoras respeitáveis, permanecendo na mesma zona ou transferindo-se, com sua prole, para as grandes cidades.

A que grupo pertencera Raimunda Porcina de Jesus não podemos afirmar. Segundo a tradição oral, julgavam-na filha de Caetité; seu testamento confirma ser natural do Rio Pardo, em Minas.

Quando teria começado a sua acidentada vida? Bem nascida? Mal nascida? Vendedora ambulante? Mulher de poucos escrúpulos? Compradora sagaz de ouro? Hospedeira de mineradores e viajantes?

Alguns acreditam ter sido ela a heroína do romance “Maria Dusá”, o excelente ensaio sertanista do escritor baiano Lindolfo Xavier, publicado pela Livraria Chardon, em 1910, e, antes, em folhetim do Diário de Notícias da Bahia.

A leitura do dito romance, aliás, à sua página 112, dessa edição, comprova o contrário. Senão, vejamos neste trecho, em que fala a própria Maria Dusá:

“Pois, estou decidida, Rita. Vou-me entregar ao trabalho. Quero ganhar dinheiro, agora, com o suor do meu rosto.

— “Pode mesmo, Sinhá. Olhe Sinhá Dedé, Sinhá Juliana, Sinhá Raimunda, do Mucugê. Esta tem comprado negro de vera! Já comprou vinte e quatro. Negro nôvo, só! Disse que é p’ra fazê terno de zabumba, p’ra tocá em tôda festa ganhando dinheiro p’ra ela.

As negra é bôlo e mais bôlo; doce e mais doce na rua ... a muié é um homem! Tudo respeita a ela e que bem”.

Por essas afirmativas da mucama de Maria Dusá fica identificada a personalidade de D. Raimunda Porcina de Jesus, conhecida na Capital, para onde se mudou, como a “Chapadista”.

Qualquer que tenha sido a sua origem e a vida que levou na sua mocidade, o certo é que se tornou uma mulher de personalidade marcante, nas últimas décadas do século passado, nesta velha cidade do Salvador, na freguezia de Sant’Ana, onde se fixou. Aí construiu casa, adquiriu solares, manteve grande número de escravos, fêz negócios, organizou uma filarmônica com seus negros mais inteligentes e de ouvidos mais argutos. Porque “a banda da Chapadista”, como era conhecida a charanga de seus escravos, não aprendia música, tocava de ouvido, repetindo magistralmente os ensaios das filarmônicas aqui existentes ou das bandas marciais da polícia e do exército, dirigidas por excelentes músicos.

Manoel Querino cita vários conflitos travados entre os negros tocadores e os verdadeiros músicos, em razão de seus plágios.

A banda da Chapadista tocava no adro das igrejas, descalços os escravos, com indumentária própria, nas festas dos respectivos oragos. Geralmente o preço dessas tocatas era de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) (*).

Não podemos averigüar quais os amigos ou protetores da Chapadista que poderiam tê-la influenciado a aproveitar a capacidade artística de seus escravos e crias para organizá-los em banda. Do que lemos em Lindolfo Xavier, ela os iniciara desde o sertão para êsse mistér.

(*) — “A D. Porcina de Jesus, pela muzica que tocou na porta da Igreja. 50\$000”. (*Livro de atas da Igreja de Sant’Ana, fls. 52*)

“Conta geral da Despeza e Receita da Irmandade do SS. Sacramento de Sant’Ana, no anno compromissal de 1884 a 1885”.

Idem a Raymunda Porcina de Jesus pela muzica da porta 90\$000” (*Livro de atas, fls. 100*)

Também não sabemos em que se inspirou para lhes dar alforria e outras vantagens antes da abolição, quando fêz o seu testamento. É verdade que em pleno período da campanha abolicionista.

Influenciada? Intuitiva? Arrependida ou possuída de remorso?

Não tendo ligação de família, não tendo, por isso mesmo, de respeitar disposições testamentárias legais, deixou quase tôda a sua fortuna a seus escravos, que a ajudaram a acumulá-la.

No Largo do Destêrro, hoje Santa Clara, na Ladeira da Fonte das Pedras, no beco da Mineira, hoje desaparecido para a construção do Estádio Otávio Mangabeira, casa e sobrados eram seus. A casa que pertenceu à família Baltazar da Silveira e onde funcionou até pouco tempo a Legião Brasileira de Assistência, era sua propriedade e residência.

Tôdas as casas antigas da Ladeira da Fonte das Pedras, quer do lado direito, quer do lado esquerdo, nos fundos do Instituto Normal, hoje Faculdade de Filosofia, para cima, lhe pertenciam.

Pessoas que a conheceram contavam que ela subia aos andaimes para verificar a obra de seus escravos pedreiros. E, para facilitar a subida, usava calças.

No seu testamento nada mais declarou do que o local de seu nascimento e seu estado civil de solteira; nenhuma outra identificação da sua personalidade. Como assinou o testamento, ficamos certos de que sabia ler.

Madrinha de crisma de uma filha de Desembargador, é isso um indício de que passara a merecer a confiança de gente de prol.

Os legados feitos à Santa Casa de Misericórdia, constituíram-na benfeitora dessa respeitabilíssima Instituição, que, em sinal de gratidão, colocou o seu retrato, em corpo inteiro, na galeria do salão nobre.

Interessante figura de mulher, que, tendo um passado obscuro e duvidoso, conseguiu impor-se à população da capital, por sua energia, decisão e iniciativa, colocando-se entre os esclarecidos abolicionistas e benfeitores de uma Instituição, como a Santa Casa da Misericórdia.

Salvador, em 9 de agosto de 1962

f
920.72
J58
S235

APENDICE

Notícia Necrológica

“Teve lugar ontem, às 9 horas da manhã, na matriz de Sant’Ana, o funeral do 7.º dia da morte de D. Raimunda Porcina de Jesus.

A Igreja se achava repleta de pessoas que iam sufragar a alma da finada e de pobres, que em número avultado, esperavam receber a esmola que a mesma finada lhes havia deixado em seu testamento.

Depois de diversas missas que se rezaram e da encomendação diante de um barracão artisticamente levantado pelos armadores Batista e Soares, distribuíram-se as oitenta esmolos deixadas pela finada Raimunda Porcina de Jesus.

(Dos Jornais da época — Edição de 15 de julho de 1887)

REGISTRO DO TESTAMENTO com que faleceu, em 9 de julho de 1887, dona Raimunda Porcina de Jesus

Testamenteiro:

Cons.º CARNEIRO DA ROCHA.

Em nome de Deus. Amen. Eu Raimunda Porcina de Jesus, achando-me doente, e não podendo contar com a vida, resolvi fazer o meu testamento da forma seguinte. — 1.ª. Sou catholica apostolica romana e nesta religião tenho vivido e pretendo morrer. 2.ª. Sou natural da Cidade do Rio Pardo, na Provincia de Minas, e nunca me casei; nem tive filhos, e não tenho herdeiro algum necessario. 3.ª. Nomeio meus testamenteiros, em primeiro lugar o Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha, em segundo ao Doutor Manoel Teixeira Soares e em terceiro a Manoel de Almeida Galeão, aos quaes peço que, pela ordem em que vão mencionados, acceitem o encargo que lhes dou. 4.ª. O meu funeral será feito a vontade do meu testamenteiro, que não gastará com o mesmo mais de quatro contos de reis. 5.ª. Deixo quatrocentos mil reis para serem distribuidos por oitenta pobres no dia em que se rezarem missa de septimo dia pelo meu falecimento, e cem mil reis para as ditas missas. 6.ª. Deixo o sobrado em que moro, ao largo do Desterro, ao meu protegido Antero Porcino da Costa, e se o mesmo fallecer sem descendencia, passará a Nossa Senhora d’Ajuda que se venera na igreja do mesmo nome, desta capital. Deixo o sobrado ao largo do Desterro, contiguo ao em que moro,

e o sobrado á ladeira da Fonte das Pedras que limita com o fundos do terreno no Externato Normal, ao meu protegido Davino Porcino da Costa, nas mesmas condições do legado da verba anterior. 8.ª. Deixo á minha Protegida Eladia Porcina da Costa, a casa terrea numero cento e sessenta e nove a rua do Caquende. 9.ª Deixo à minha protegida Damiana Porcina da Costa a minha casa abarracada a rua da Independencia de numero treze. 10.ª. Deixo ao meu creado Tiberio a quantia de um conto de reis, a minha rocinha à fonte das freiras, e a casa que fica na frente da mesma rocinha contigua á que dá para a ladeira que vae ter á dita fonte, e no caso deste meu creado fallecer sem descendencia passarão a rocinha e a casa acima mencionadas para a liberta Theodolinda irmã do referido Tiberio. 11. Deixo dez contos de reis para o patrimonio do Asilo de São João de Deus sob a administração da Santa Casa de Misericordia desta Capital. 12. Declaro que todos os moveis que possuia, assim como o instrumental da minha banda de musica dei em vida a diversas pessoas da minha amizade e que comigo sempre conviveram. 13. Deixo livres os meus escravos Pedro (creoulo), Pedro (toté), Pedro (nagô), Braz, Ludgero, Francisco, Porcino, Estevão, Aprigio, João, Mizael, Joaquim, Adão, Hermenegildo, Manoel, José pequeno, Cassiano, Tiburcio, Alfredo, Galdino, Vicente, Martinho, José Tapuio, Gasparino, Clemente, Maria, Domingas, Theodolinda e Roza, aos quaes servirão de titulo de liberdade a prezente verba que, por certidão, será dada a cada um dos ditos escravos no dia em que se rezarem missas por minha alma. 14. Os mais restantes escravos Antônio, Benedicta, Joana e Afra, deixo para prestarem serviços, os dois primeiros ao meu protegido Antero Porcino da Costa, a terceira ao meu protegido Davino Porcino da Costa, a quarta ao meu creado Tiberio. 15. Deixo a cada uma das minhas protegidas Eladia e Damiana, além das casas mencionadas nas verbas oitava e nona, vinte mil reis mensaes. 16. Deixo a Maria que liberto neste testamento a loja do sobradinho a entrada da rua Mineira, para nella morar em quanto viver, e mais dez mil reis mensaes. 17. Deixo a minha casa abarracada ao entrar do lado esquerdo na rua Mineira, para nella morarem todos os libertos, por este testamento, e quando todos fallecerem passará a dita casa para a Santa Casa de Misericordia. 18. Deixo ao meu creado Tiberio e a cada um dos libertos Braz, Estevão, João, Manoel, Gasparino, Maria e Theodolinda a quantia de dez mil reis por mez; e a cada um dos libertos Pedro (nagô) Francisco, Ludgero, Porcino, Aprigio, Misael, Joaquim, Adão, Hermenegildo, José pequeno, Cassiano, Tiburcio, Alfredo, Galdino, Vicente, Martinho, Clemente, Pedro (creoulo), Pedro (toté), Domingos e Roza cinco mil reis por mez. Para o cumprimento da verba anterior e das verbas quinze e dezesseis, designo os rendimentos das minhas casas, existentes na ladeira da

aceitava a testamentaria da finada D. Raimunda Porcina de Jesus para cumprir as disposições por ella ordenadas em seu testamento, e pedio-me que dessa sua declaração se lavrasse termo para ser por elle assignado e sortir seus legaes effeitos. E de como assim o disse, assigna o presente depois de lida por mim. Fortunato Dormund, Escrivão interino o escrevi. Antonio Carneiro da Rocha. Estava sellado no valor de mil e duzentos reis, inutilizadas na data acima. Registrado conferi na data acima. Eu Fortunado Dormund, Escrivão interino o escrevi e assignei. Fortunato Dormund.

APÊNDICE

A

RELAÇÃO DOS SÓCIOS FUNDADORES DO CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

B

ÍNDICE GERAL DAS PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS

C

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES DAS PUBLICAÇÕES

2779/74



CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

Fundado em 31 de julho de 1941, o Centro de Estudos Bahianos tem como finalidade precípua promover estudos de quaisquer assuntos referentes ao desenvolvimento cultural e material da Bahia, realizar obra elucidativa do passado baiano, publicando trabalhos relacionados com os seus objetivos, colaborando, quando possível, com os poderes públicos e com particulares na orientação de questões de interesse do Estado.

De acôrdo com os seus Estatutos aprovados em sessão de 10 de março de 1943, foram considerados sócios fundadores por ordem alfabética:

Afrânio Coutinho	José Calasans
Affonso Ruy	Luciano de Sá Bittencourt
Anfrísia Santiago	Luiz Viana Filho
Antônio Balbino	Miguel Calmon (falecido)
Antônio Osmar Gomes	Miguel Dias Lima Santos
Diógenes Rebouças	Nestor Duarte
Frederico Edelweiss	Oldegard Vieira
Heitor Fróis	Oscar Caetano da Silva
Hélio Duarte	Oswaldo Valente (falecido)
Hermam Neeser (falecido)	Presciliano Silva (falecido)
João Augusto Calmon	Raimundo Paturi
Jorge Calmon	Rômulo Almeida
José do Prado Valadares (falecido)	Waldemar Matos.
	Walter Velôso Gordilho

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

- 1 — Capelas Antigas da Bahia — Anfrísia Santiago — **Esgotado.**
- 2 — O Primeiro Teatro do Brasil (Docs. de 1733) — Affonso Ruy — **Esgotado.**
- 3 — Um discurso de Sílvio Romero — José Calasans — **Esgotado.**
- 4 — O Príncipe de Joinville no Brasil — Frederico Edelweiss — **Esgotado.**
- 5 — A Colônia Leopoldina (1858) — Hermann Neeser — **Esgotado.**
- 6 — O Cacau na Economia Brasileira — Frederico Edelweiss — **Esgotado.**
- 7 — O Cronista e a Crônica do Brasil — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 8 — Um Depoimento Diplomático (Correspondência do cônsul americano da Bahia — 1821 — 1823) — Cid Teixeira.
- 9 — Amor de Príncipes (1843) — Affonso Ruy — **Esgotado.**
- 10 — O Processo dos Eclesiásticos da Inconfidência Mineira — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 11 — Estadistas Bahianos do Império — Affonso Ruy — **Esgotado.**
- 12 — Um Documento Inédito sobre as Fortificações da Cidade do Salvador — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 13 — Padroeiro da Cidade do Salvador — José Lima — **Esgotado.**
- 14 — A Guerra de Canudos na Poesia Popular — José Calasans — **Esgotado.**
- 15 — Sobre a Campa Brazonada do Convento do Carmo — Hermann Neeser.
- 16 — Um Diário Inédito da Bahia no Século 17 — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 17 — Construções navais da Bahia no século 17 — O Galeão Nossa Senhora do Populo — Luiz Monteiro da Costa — **Esgotado.**
- 18 — Contribuição ao Estudo das Sesmarias — Waldemar Matos — **Esgotado.**

- 19 — Contribuição ao Estudo dos Morgados no Brasil — Cid Teixeira — **Esgotado.**
- 20 — O Forte que foi arrematado em Hasta Pública — Luiz Monteiro da Costa.
- 21 — Um Agitador Baiano: Cipriano José Barata — Affonso Ruy.
- 22 — Contribuição ao Estudo do Ciclo das Festas Tradicionais — Antônio B. Príncipe — **Esgotado.**
- 23 — O Pregoeiro da República (Virgílio Clímaco Damázio) — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 24 — A Bahia de 1676 vista por um Médico Francês — Arnold Wildberg — **Esgotado.**
- 25 — Crônica da Bahia — Antônio Viana.
- 26 — Esplendor e Agonia do Instituto Bahiano de Agricultura (1859-1902) — Arquimedes Pereira Guimarães — **Esgotado.**
- 27 — Romanceiro Político Nacional — José Calasans — **Esgotado.**
- 28 — A Lenda de Sumé na Historiografia Baiana — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 29 — O Engenheiro Jesuíta Stafford — Luiz Monteiro da Costa — **Esgotado.**
- 30 — Arte Brasileira (Bibliografia Comentada) — José Valadares — **Esgotado.**
- 31 — O Sítio do Arraial e da Sepultura de D. Marcos Teixeira — Monsor. Manoel de Aquino Barbosa — **Esgotado.**
- 32 — A Bahia nas Córtes de Lisboa — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 33 — A Proclamação da República na Bahia — (Aspectos folclóricos) — Hildegardes Viana.
- 34 — Primórdios do Ensino da Química na Bahia — Arquimedes Pereira Guimarães.
- 35 — Festas populares da Bahia — Joaquim de Sousa Brito.
- 36 — Dois Caudilhos — Frederico Edelweiss.
- 37 — Curiosidades da Cidade do Salvador — George Abreu.

- 38 — A Bahia nos Gabinetes Ministeriais da Monarquia — Deolindo Amorim.
- 39 — Lápides da igreja de Santa Tereza — Angela Maria Martins Viana.
- 40 — Um sueco na Cidade do Salvador (1756) — Affonso de Escra-nolle Taunay.
- 41 — Contribuição ao estudo das manifestações corporativistas na Bahia do Século XVII — Affonso Ruy.
- 42 — Bibliotecas da Bahia (1952). Contribuição para um inquérito cultural — Deraldo Inácio de Sousa.
- 43 — A visita de Maximiliano da Áustria à Bahia — Frederico Edelweiss.
- 44 — Língua portuguesa no Brasil — (modalidade de falar na Bahia e São Paulo) — Bernardo Pedral Sampaio.
- 45 — Lulu Parola e os acontecimentos políticos de 1891 — José Calasans.
- 46 — Bahia, 1842 — Affonso Ruy.
- 47 — Um manuscrito raro holandês — Luiz Monteiro.
- 48 — Tradições comerciais da Bahia — Deolindo Amorim.
- 49 — A Bahia no livro do Sargento-mor. (1612) — Diogo de Campos Moreno.
- 50 — Raimunda Porcina de Jesus (A chapadista) — Anfrísia Santiago.

ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES

Abreu — George

Curiosidades da Cidade do Salvador — n.º 37

Amorim — Deolindo

A Bahia nos gabinetes ministeriais da monarquia — n.º 38

Tradições Comerciais da Bahia — n.º 48

Barbosa — Monsenhor Manoel de Aquino

O sítio do arraial e a sepultura de D. Marcos Teixeira — n.º 31

Brito — Joaquim de Sousa

Festas populares da Bahia — n.º 35

Bulcão Sobrinho — Antônio de Aragão

O pregoeiro da república (Virgílio Clímaco Damázio) — n.º 23

A Bahia nas côrtes de Lisboa — n.º 32.

Calasans — José

Um discurso de Sílvio Romero — n.º 3

A guerra de Canudos na poesia popular — n.º 14

Romanceiro político nacional — n.º 27

Lulu Parola e os acontecimentos de 1891 — n.º 45.

Costa — Luiz Monteiro da

Construções navais da Bahia no século 17 — n.º 17

O forte que foi arrematado em hasta pública — n.º 20

O engenheiro jesuíta Stafford — n.º 29

Um documento raro holandês na Bahia — n.º 47

Edelweiss — Frederico

O príncipe de Joinville no Brasil — n.º 4

O cacau na economia nacional — n.º 6

Dois caudilhos — n.º 36

A visita de Maximiliano da Áustria à Bahia — n.º 43.

Guimarães — Arquimedes Pereira

Esplendor e agonia do Instituto Baiano de Agricultura (1859 a 1902 — n.º 26

Primórdios do ensino da química na Bahia — n.º 34.

Lima — José

Padroeiro da cidade do Salvador — n.º 13

Matos — Waldemar

Contribuição ao estudo das sesmarias — n.º 18

Moreno — Diogo de Campos

Livro que dá razão ao Brasil — n.º 49.

Neeser — Hermann

A colônia Leopoldina (1858) — n.º 5

Sôbre a campa brazonada no Convento do Carmo — n.º 15

Príncipe — Antônio Brochado

Contribuição ao estudo do ciclo das festas tradicionais — n.º 22

Ruy — Affonso

O 1.º teatro do Brasil (Docs. de 1733) — n.º 2

Amor de príncipe (1843) — n.º 9

Estadistas baianos do império — n.º 11

Um agitador baiano: Cipriano José Barata — n.º 21

Contribuição ao estudo das manifestações corporativas na Bahia do século 17 — n.º 41.

Bahia, 1842 — n.º 46.

Santiago — Anfrisia

Capelas antigas da Bahia — n.º 1

Dona Raimunda Porcina de Jesus (A Chapadista) — n.º 50.

Sampaio — Bernardo Pedral

Língua portuguesa no Brasil — Modalidade de falar na Bahia e S. Paulo — n.º 44

Sousa — Deraldo Inácio de

Bibliotecas da Bahia em 1952 — contribuição para um inquérito cultural — n.º 42

Silva — Alberto

O cronista e a crônica do Brasil — n.º 7

O processo dos eclesiásticos da inconfidência mineira — n.º 10

Um documento inédito sobre as fortificações da Cidade do Salvador — n.º 12

Um diário inédito da Bahia no século 17 — n.º 16

A lenda de Sumé na historiografia baiana — n.º 38

Taunay — Afonso Escragnolle de

Um sueco na cidade do Salvador (1756) — n.º 40

Teixeira — Cid

Um depoimento diplomático — Correspondência do cônsul americano da Bahia (1821-1823) — n.º 8

Contribuição ao estudo dos morgados no Brasil — n.º 19

Valadares — José

Arte brasileira (Bibliografia comentada) — n.º 30

Viana — Ângela Maria Martins

Lápides da igreja de Santa Teresa — n.º 39

Viana — Antônio

Crônica da Bahia — n.º 25

Viana — Hélio

A Bahia no livro do sargento-mor (1612) — n.º 49.

Viana — Hildegardes

A proclamação da república na Bahia — n.º 33

Wildeberger — Arnold

A Bahia de 1676 vista por um médico francês — n.º 24